

AS VEIAS ABERTAS DO INTERIOR DE PERNAMBUCO: Reflexões sobre artistas interioranos no processo de deslocalização e políticas culturais.

THE OPEN VEINS OF THE INTERIOR OF PERNAMBUCO: Reflections on artists from the interior in the process of relocation and cultural policies.

Igor Lopes Wanderley

igorwander@hotmail.com

Escola Superior de Artes Célia Helena - ESCH

Resumo

Este trabalho discute o conceito de deslocalização de Joost Smiers(2006), como um hábito que interfere na construção individual e coletiva dos artistas do interior de Pernambuco, resultando com isso, políticas culturais que desvalorizam os interioranos e o direito à cultura, conceito abordado por Marilena Chauí(2006). O objetivo é aproximar os artistas interioranos na reflexão sobre o campo político e artístico da desigualdade cultural. O autor aborda as dificuldades desses artistas para se manterem na sua profissão e como a geografia cultural interfere nesse processo.

Palavras-chaves: Artes, interior, cultura, artistas, deslocalização.

Abstract

This work discusses Joost Smiers' concept of relocation, as a habit that interferes in the individual and collective construction of artists from the interior of Pernambuco, generated with this, cultural policies that devalue the interior inhabitants and the right to culture, a concept achieved by Marilena Chauí. The aim is to bring artists from the countryside closer to reflection on the political and artistic field of cultural inequality. The author addresses the difficulties these artists face in maintaining their profession and how cultural geography interferes in this process.

Keywords: Arts, interior, culture, artists, relocation.

I Parte - Deslocalização

Como a arte toca nossas mais profundas emoções, existem muitas diferenças na sua apreciação social...A arte incorpora nossas crenças e emoções, dando-lhes forma. Ela oferece uma forma de nos orientarmos em territórios que não fazem parte de componentes lógicos e racionais de nossas vidas. (SMIERS, 2006).

Um dos mais antigos e maiores problemas que o Brasil ainda enfrenta é a sua distribuição de renda, se ainda pensarmos que essa está diretamente relacionada com a má distribuição dos materiais e incentivos culturais. Vemos que a eterna busca por melhores condições compreende as

razões pelas quais o êxodo de artistas acontece e não se trata exclusivamente de questões financeiras, mas também da falta de acesso aos serviços básicos e legitimação de suas aptidões artísticas.

O processo de saída das pessoas do interior para as capitais brasileiras é uma realidade constante, logo, esse fator não é diferente quando se trata dos artistas interioranos, pois esses artistas acabam por emigrar aos montes numa perspectiva de conseguirem sobreviver de suas profissões e na busca de melhores condições. Dessa forma, constantemente, escutamos o termo “migração”, que corresponde à mobilidade espacial da população, ou seja, é o ato de trocar de país, de região, estado ou até de domicílio. Mas, segundo Joost Smiers (2006), professor de Ciência Política das Artes na *Utrecht School of Arts*, o termo mais apropriado para este fator é “deslocalização”¹.

São diversas as diferenças entre o interior e a metrópole, mas precisamos entender primeiramente o que diverge entre a comunidade e sociedade. A marca da comunidade é a indivisão interna e a ideia de bem comum, seus membros sempre estão numa relação direta, sem mediações institucionalizadas. O modo de produção capitalista dá origem à sociedade, que é o isolamento, fragmentação individuais, separados uns dos outros, por interesses e desejos.

Apesar da mistura de povos e da diversidade de culturas é errôneo dizer que todos possuem o mesmo comportamento ou reproduzem a mesma cultura. As pequenas regiões possuem sua cultura própria e tipicamente local com diferentes comportamentos e que criam identidade de um determinado grupo. Com seu modo de conceber o mundo e a vida, em contraste com a sociedade, ainda que este não forme uma coletividade homogênea e imediatamente identificável. Reprimir hábitos locais ou impor o pensamento da sociedade metropolitana é um hábito constante.

A deslocalização é o desenraizamento das atividades e relações das origens e culturas locais, isso significa o deslocamento das atividades que até recentemente eram locais, para redes cujo alcance seja distante ou mundial. Aqui tratamos das diferenças e valorização da cultura metropolitana sobre a cultura interiorana. Fatores como a globalização está diretamente

¹ A palavra deslocalização em português, não traduz corretamente o sentido intencionado pelo autor, pois remete a ideia de uma mudança de lugar apenas; quando se trata de uma imposição da cultura estrangeira nas comunidades locais, sufocando ou reprimindo as iniciativas locais.

relacionada com esta vivência ou prática. A globalização² significa retirar as atividades sociais do conhecimento local e colocá-los em redes (indústrias culturais) nas quais estejam condicionados e condicionem os eventos mundiais.

As metrópoles por terem melhores condições financeiras e por estarem mais próximas das políticas públicas culturais e do mercado de trabalho, das universidades e do pensamento de produção em escalas corporativas, tendem a ser o objeto de desejo para os pequenos artistas que muitas vezes não conseguem se manter ou produzir em seus locais de origem. A força propulsora do contexto local da arte está na realidade sendo enfraquecida, se o seu material humano está em eterno conflito e em busca de um outro objetivo fora do local de origem, para poder sobreviver e se sentir legitimado. Então, trata-se da falta de investimento no capital intelectual e na expressão criativa de seu povo, e esta deveria e poderia ser a mais valiosa entre tantas funções da arte e da cultura.

Existem razões muito urgentes para se tentar encontrar outros meios de garantir ao artista a possibilidade de ganhar a vida com o seu trabalho e ter suas criações e apresentações respeitadas. Precisamos perceber como são estruturados estes impedimentos do desenvolvimento local, social e cultural de nossas pequenas cidades ao continuarmos negligenciando o conhecimento, a criatividade e os potenciais no mercado.

Você que está lendo este texto provavelmente conhece um ou mais de uma pessoa “artista” que saiu de sua pequena cidade para viver em uma cidade “grande”. Essa, durante muito tempo, era uma relação “normal” e constante no universo das artes, era quase que uma obrigação para os artistas do interior se quisessem sobreviver e ter acesso às diversas manifestações políticas e sociais.

Em qualquer sociedade, as pessoas têm o direito de falar da sua maneira, sobre o que as emociona, o que acham excitante ou o que lhes dá prazer, no entanto, vemos nesta deslocalização não somente a falta e enfraquecimento dos artistas locais, mas a valorização da cultura metropolitana sobre a interiorana. As indústrias culturais que quase sempre estão nas capitais têm os meios de produção, assim como os canais de distribuição da mercadoria cultural.

Os motivos que levam a este deslocamento do artista interiorano para as grandes cidades são diversos, estando associados à falta de empregos, falta de materiais culturais, teatro, cinema,

² Globalização é o fenômeno de integração econômica, social e cultural do espaço geográfico em escala mundial.

museus, salas de ensaio, no interior. Portanto, a falta de perspectivas e ao fator estrutural, à conjuntura econômica, financeira e a constante exigência de melhor qualificação profissional. Todavia, isso tudo mexe com as identidades individuais e coletivas de uma região e de seus artistas, acarreta a destruição do sustento local e da autoconfiança da sociedade como um todo.

O solo úmido e o clima quente do Nordeste propiciaram o cultivo da cana em Pernambuco que se tornou a capitania com o maior produtor e exportador de açúcar do país no período colonial. O açúcar era considerado uma especiaria fina na Europa e por isso lucrativa, essa foi a primeira grande riqueza agrícola e industrial do Brasil e devido a sua adaptabilidade foi base da economia colonial e escravocrata. O algodão foi outro grande responsável pela monocultura agrícola brasileira da época e foi manufatura em muitas cidades do interior de Pernambuco. Suas estratégias de colonização foram utilizadas até hoje com as explorações de mão de obra barata e destruição do solo. Naturalmente nascida para produzir alimentos, o Nordeste no Brasil República passou a ser uma região de fome e de retirada de investimentos econômicos.

Segundo o psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon, nos locais onde houveram a colonização dos europeus sobre as populações originária e a negra africana em diáspora, estes mecanismos de desvalorização da identidade do seu povo, e da dignidade humana provocam um complexo:

Todo povo colonizado-isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizatória, isto é, da cultura metropolitana. (FANON,2008, p.34).

Assim, como a luta antirracista que busca através da desalienação das pessoas negras do complexo de inferioridade que a sociedade branca lhes incute desde a infância, acredito que o conhecimento das estruturas de deslocalização devem repercutir e influenciar nos estudos sobre os sentimentos de inferioridade que ainda perpassam toda a cultura interiorana com relação a metrópole. Reduzindo e subestimando os conhecimentos, experiências, interesses e sentimentos de um povo tão diverso e plural.

Depois da experiência da deslocalização propiciada pelo neoliberalismo³, sabemos melhor do que nunca que o mundo é grande demais e por demais complexo para sermos capazes de nos

³ É um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia, onde deve haver total liberdade de comércio.

orientarmos nele e encontrar algo ou um local específico (cidade grande) como um abrigo. Por mais diferentes que sejamos, estamos conectados à mesma tormenta; corpos e afetos confusos andando em um labirinto de possibilidades.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos têm o direito de expressar e comunicar seus sentimentos e ideias livremente. Com isso, deveriam existir as condições que permitissem este direito de fato acontecer. Entretanto, foi criada uma situação oposta a esta de ligar o direito cultural com a liberdade econômica. Esta liberdade econômica dá a um número limitado de conglomerados culturais, o poder de decidir sobre o que pode e o que não pode ser expresso, executado, lido ou visto.

A arte pode ter uma função deliberativa, estimulando a reflexão sobre a identidade coletiva, com questionamentos que perpassam identidade, história, pertencimento e origem. É também um movimento paradoxal de se individualizar e ao mesmo tempo procurar comunidades que compartilham os mesmos códigos, sonhos e ou pertencimento.

Os artistas, o público e a crítica não operam de um ambiente neutro e inocente. Todo artista assume posições dentro de uma ampla variedade de escolhas, como diz Conceição Evaristo em sua escriturabilidade⁴: “A sua cabeça pensa a partir do lugar que está fincado os seus pés”. O trabalho artístico coloca-se dentro de um determinado contexto histórico, social ou cultural. Ela pertence a um fluxo de sentimentos de ideias e de ações e isto se deve ao seu centro artístico ou ao ambiente no qual ele funciona ou a ambos.

Para aqueles que foram privados dos seus direitos fundamentais, ou condições mínimas de vida, um livro, uma música, um quadro, uma poesia, uma peça teatral ou dança podem abrir as portas para resistir ou até mesmo existir. Podemos dizer coisas por meio da arte, impossíveis de serem ditas de outra maneira. A arte pode ter a função semelhante à de um abraço, podendo ser um aconchego, com este pertencimento nos ajudando a pensar, a cuidar e a conviver.

II Parte - Arte sob pressão e o direito à cultura

Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu” (FREIRE).

⁴ O termo aponta para uma dupla dimensão: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta.

Estamos aqui para falar deste sentimento de pertencimento e deslocamento, já que, trataremos desses artistas e produtores culturais que optaram por ficar nas suas cidades do interior apesar das diversas dificuldades já relatadas, ou procurar entender os motivos deles escolheram as pequenas cidades como local de desenvolvimento cultural, fazendo o processo inverso do habitual.

É, portanto, necessário reverter as direções e criar novas. Manter antigas regras de estruturas que favoreçam conscientemente os locais, subsidiando atividades que possam ser realizadas localmente. Quando o mercado não oferece essa possibilidade, é um dever das políticas culturais sustentar o novo, o frágil, como uma contribuição para esta diversidade. Deixar a cultura nas mãos apenas das forças do mercado acarreta a improdutividade na vida cultural.

Os governos têm o dever de intervir e apoiar essas atividades artísticas e culturais. A liberdade de comunicação é um valor essencial para a sociedade, portanto os governos não deveriam apenas evitar intervenções nos processos culturais e artísticos, eles também têm o dever de criar condições nas quais os cidadãos possam se comunicar uns com os outros livremente, inclusive por meio da arte.

A produção artística teatral interiorana do Estado de Pernambuco vem passando por um período de ascensão na criação de diversos teatros de grupos. Ao longo da metade da década de 2000, esses grupos foram criando diversas dinâmicas que os possibilitaram a se converterem em centros culturais, mas sempre partindo da vivência do teatro de grupo. Servindo assim como plataforma poética, filosófica e de resistência no meio artístico teatral, mesmo que adentrando em um mercado cultural e econômico que insiste em desvalorizá-los por estarem fora dos grandes centros urbanos. O desabrochar de grupos na área interiorana do Estado de PE, vem para refletir esse processo dialético entre ascensão e desvalorização das atividades artísticas dos coletivos para com as instituições públicas. Dando luz a ousadia destes ao desenvolverem suas atividades e ações. É com essa visão que destacamos o trabalho de alguns destes coletivos com é o caso do Reduto Coletivo⁵ (Surubim), Cia Teatro de Retalhos⁶ (Arcoverde), Coletivo Tear⁷ (Garanhuns), Coletivo

⁵ sobre o Reduto Coletivo https://www.instagram.com/reduto_coletivo/?igshid=NTc4MTIwNjQ2YQ%3D%3D . Acesso em: 10/05/2023

⁶ sobre o teatro de retalhos <https://teatroderetalhos.com.br/> . Acesso em 10/05/2023

⁷ Sobre o coletivo tear <https://www.instagram.com/coletivotear/> . Acesso em 10/05/2023

Pantim (Triunfo), Coletivo Teatro Cínicas⁸ (Salgueiro), Tropa do Balacobaco⁹ (Arcoverde), Trupe holística¹⁰ (Salgueiro), Grupo de Teatro Arte em Cena¹¹ (Caruaru), Galpão das Artes¹² (Limoeiro), Coletivo Grão de Teatro¹³ (Belo Jardim), entre muitos outros.

O direito à cultura é garantido pelo art. 215 da constituição federal de 1988: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, pg 126). Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.

Apesar desse direito ser garantido pela constituição, as cidades do interior continuam sucateadas e quase sem materiais culturais que exerceriam o pleno direito à cultura e suas diversas artes. Esses centros culturais que começaram suas atividades por uma iniciativa autônoma de seus próprios artistas locais e sem o apoio de qualquer incentivo público, por procurarem resistir ao descaso público e na busca pela sobrevivência.

Afirmar a cultura como um direito é ser oposto à política neoliberal, que abandona a garantia dos direitos, transformando-os em serviços vendidos e comprados no mercado e, portanto, em privilégio de classe. Uma das características da democracia é não se apoiar na noção de privilégio, mas na ideia de direito à cidadania. Segundo a escritora e filósofa Marilena Chauí (2006): A antropologia precisou de um padrão para medir a evolução ou o grau de progresso de uma cultura. Esse padrão foi evidentemente, a Europa capitalista.

Não espanta, portanto, a quantidade de preconceitos e ideologias montadas a partir dessa visão eurocêntrica das culturas, na qual o ocidente capitalista, colonialista e imperialista se apresenta como modelo e finalidade universal. Esses mesmos parâmetros ainda estão vigentes nos editais de incentivo a cultura, hora de selecionar uma obra de arte ou no processo de análise das

⁸ sobre o coletivo cínicas <https://www.instagram.com/coletivo.cinicas/> . Acesso em 10/05/2023

⁹ sobre a tropa do balacobaco
<https://www.tropadobalacobaco.com/> . Acesso em 10/05/2023

¹⁰ sobre trupe holística
<https://instagram.com/trupeholistica?igshid=NTc4MTIwNjQ2YQ==> . Acesso em 10/05/2023

¹¹ sobre o grupo de teatro arte em cena https://www.facebook.com/watch/?ref=tab&locale=pt_BR . Acesso em 10/05/2023

¹² sobre Galpão das Artes <https://www.instagram.com/galpaodasartesoficial/?hl=pt> . Acesso em 10/05/2023

¹³ sobre Coletivo Grão de Teatro
<https://www.bj1.com.br/estreia-do-cia-coletivo-grao-de-teatro-no-sesc-ler/> Acesso em 10/05/2023

defesas de conceitos do produto artístico. Vemos ainda muitas justificativas no processo de seleção argumentos baseados ainda em teóricos europeus e hegemônicos. Ainda com o pensamento de

Chauí abordando a interferências do Estado:

Se o Estado não é produtor de cultura nem instrumento para seu consumo, que relação pode ele ter com ela? Pode concebê-la como um direito do cidadão e, portanto, assegurar o direito de acesso às obras culturais produzidas, particularmente o direito de fruí-las, o direito de criar as obras, isto é, produzi-las, e o direito de participar das decisões sobre políticas culturais. (CHAUÍ, 2006. p.136)

Acreditando que o poder público representado pelo Estado tenha a necessidade e obrigação através do financiamento e apoio às diversidades culturais, visando manter o processo artístico livre para que não caia nos argumentos e estratégias do mercado de trabalho que muitas vezes não conta com o poder da diversidade e das realidades de cada local. Pernambuco também conta com um mecanismo governamental de forte impacto pra a cultura do Estado.

O Funcultura¹⁴ É o principal mecanismo de fomento e difusão da produção cultural no Estado, os projetos passam a ser analisados e selecionados por uma comissão deliberativa, formada por representantes do poder público e da sociedade civil. Os projetos selecionados recebem os recursos diretamente pelo Governo do Estado. As verbas são distribuídas para diversas linguagens: teatro, dança, artes plásticas, audiovisual, cultura popular, fotografia, gastronomia, literatura, música, etc.

Um ponto essencial para ratificar este posicionamento negativo diante de uma suposta política pública do Estado dita “democrática”, é observar o próprio resultado dos últimos anos nos editais do Funcultura. Este que é o principal mecanismo de fomento e difusão da produção cultural no Estado, de forma contínua e ininterrupta, vem desvalorizando os fazedores de artes com relação às baixas porcentagens de projetos aprovados por interioranos em relação aos artistas da capital ou região metropolitana.

¹⁴ O fundo de incentivo à cultura (Funcultura PE) foi instituído por meio da Lei 12.310, de 19 de dezembro de 2002. Seu modelo de gestão é compartilhado, que envolve a Secretaria de Cultura de Pernambuco (Secult-PE) e a Fundação de Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE). O fundo público recebe recursos oriundos da arrecadação de Impostos sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) pelo Governo do Estado e destinados ao financiamento direto de projetos artísticos e culturais por meio de seleções públicas.



Imagem 1. Projetos de games aprovados em 2020. (fonte: RIPA/PE) A Região metropolitana do Recife ficou com 3 aprovados = 100%



Imagem 2. projetos de curta-metragem em 2020 (fonte: RIPA/PE)
Agreste central= 2, Mata norte =3, Sertão do Pajeú= 2, Região metropolitana do Recife = 18 ou 72%
Total de projetos aprovados = 25



Imagem 3. Projetos de longa metragem (produção) aprovados em 2020 (fonte: RIPA/PE)
Sertão do S.Francisco= 1,Mata Norte= 1,Região Metropolitana do Recife = 6 total de projetos aprovados=8

As tabelas acima registradas mostram um pouco da desigualdade da distribuição dos incentivos à cultura do Estado de Pernambuco, são vários gráficos que estão no acervo da RIPA¹⁵, que gentilmente me cedeu para expor e denunciar neste artigo. Foram escolhidas por terem números significantes dentro do edital FUNCULTURA de audiovisual por ser um segmento hoje extremamente importante para o Estado de Pernambuco que é o desenvolvimento do cinema tão reconhecido nacionalmente. Ainda carece de pesquisas nos outros segmentos artísticos, entretanto a porcentagem de todas as áreas é injusta e desigual.

Este artigo procurou também analisar e denunciar estas desigualdades dentro do processo seletivo do Funcultura, mas para não pensarmos que é algo momentâneo ou que perpassa somente neste órgão do Estado vejamos um gráfico da LAB 2¹⁶ auxílio emergencial para o período da pandemia covid 19.

¹⁵ RIPA- Rede Interiorana de Produtores, Técnicos e Artistas de Pernambuco.

¹⁶ LAB 2 auxílio emergencial Aldir Blanc - no caso de Pernambuco aconteceu reversão de 1,3 milhões do recurso da Aldir Blanc não utilizada pelos municípios do Estado.

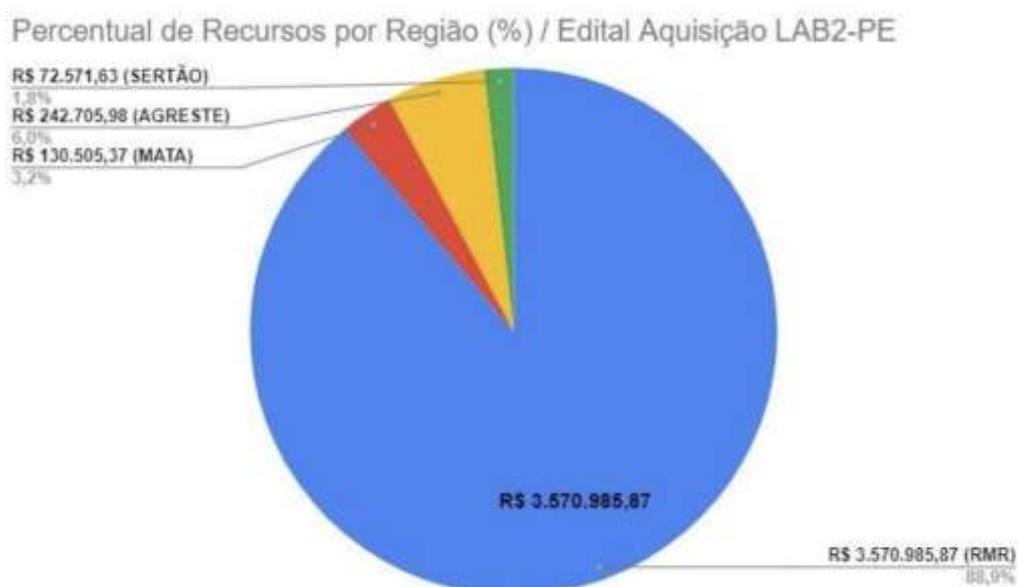


Imagem 4. Porcentagem de Recursos por Região/Edital aquisição LAB2-PE (fonte: RIPA/PE)

Apesar de ser um decreto Federal e ter que abranger projetos do estado como um todo, o Governo do Estado de Pernambuco ignora o tamanho e os fazedores de cultura de todas as macrorregiões e publica o resultado com 88,9% dos incentivos para a cadeia cultural da Região Metropolitana.

As desigualdades geográficas deveriam ser recompensadas. A circulação e o intercâmbio das produções regionais e locais devem ser estimuladas. As preservações das instituições e centros culturais já existentes, o incentivo para os novos centros desenvolverem suas criações e realizações, é crucial apoiar as práticas artísticas, eventos culturais e infraestrutura das minorias. As políticas culturais devem ser claras a respeito da filosofia de descentralização.

A busca por novas fontes de financiamento para a vida cultural pode certamente ser intensificada, desde que isso não resulte num descompromisso simultâneo das autoridades públicas e a imprevisibilidade do incentivo. A concessão de isenções fiscais para iniciativas artísticas pode ser um apoio significativo, entretanto, a diversidade deve ser estimulada e não apenas às indústrias culturais que já são grandes e dominam o mercado.

Sabendo que a capital e a região metropolitana abarcam um número quase que total da concentração de renda e de patrimônios culturais do Estado, os grupos do interior buscam o

fortalecimento das identidades artísticas e culturais do seu território, através da sua camada simbólica, da sua fruição e difusão. Articulando assim, uma ligação entre os centros culturais, através de uma rede solidária de fazedores e saberes, com a missão de promover, difundir e valorizar a produção artística e cultural da sua região.

III Parte - (Manifesto) As veias abertas¹⁷ do interior de Pernambuco

Vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele; Vivemos com os outros seres vivos e, portanto, compartilhamos com eles o processo vital. Construimos o mundo em que vivemos ao longo de nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói no decorrer dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós. (MARIOTTI)

Cobrar a interiorização nas políticas públicas do Estado de Pernambuco é uma ação pulsante na busca pela sobrevivência dos trabalhadores da cultura, esta bomba muscular é formada por 171 (veias) que constituem este grande órgão, chamado interior.

Cada pulso é dado por conexões solidárias, organizações representativas nos seus municípios, diversidades estéticas, difusão, fomento, políticas públicas de fortalecimento e de sustentabilidade.

Esta rede de tubos que transportam sangue vem de diversas cidades, Exu, Arcoverde, Garanhuns, Surubim, Petrolina, Ingazeira, Limoeiro, Serra Talhada, Salgueiro, Belo Jardim, são 171 municípios (veias).

O sangue que circula neste sistema vem de diversos artistas populares, eruditos, de cinema ao teatro, músicos, poetas, artistas plásticos, artesãos, mamulengueiros e performances.

A conexão entre sangue e vasos sanguíneos é diretamente proporcional à diversidade e potência de seu fluxo, garantindo assim o retorno do sangue dos vários tecidos do corpo para o seu interior, coração.

Apesar da inegável potência e força destas artérias sanguíneas, este órgão sensível é quase sempre esquecido ou desvalorizado pelo sistema tido como o melhor, o cérebro (região Metropolitana - RM). A metrópole toma quase toda atenção pública. E esse fenômeno prejudica a diversidade cultural tão amplamente necessária.

¹⁷ Título do manifesto inspirado em "As veias abertas da América Latina" de Eduardo Galeano (2020).

90% dos incentivos à cultura vão direto para o ser pensante, deixando assim, o coração anêmico como uma deficiência nos níveis de hemoglobina.

Como consequência sofre com a falta de oxigenação no sangue, escassez de dinheiro, falta de incentivo e permanência de sentimentos de inferioridade com relação ao cérebro. E isto pode gerar ainda mais sintomas:

1. Convites para realizar atividades de artistas do grande centro (cérebro) no interior (coração)
2. Cartas de anuências para pessoas do interior, onde sequer participarão de fato dos eventos.
3. Editais de menor porte para artistas do interior
4. Sucateamento das ações culturais do interior
5. Falta de aparelhos culturais nas cidades do interior (teatro, cinema, museus, salas de ensaios e etc)
6. Desigualdade na quantidade e qualidade das oficinas e pesquisas culturais oferecidas para os artistas e públicos em geral do interior
7. Piores salários
8. Descredibilidade dos seus artistas, técnicos, intelectuais, professores e pesquisadores da área cultural.

Do interior, que é relativo a parte de dentro (coração) pulsa incessantemente a busca por fortalecimento das identidades artísticas e culturais, através da sua camada simbólica de saberes e fazeres.

Apesar de tudo as propostas de fundamentação dos editais de incentivos a cultura do estado são pautadas em inclusão, descentralização e socialização. Quanto mais forte a posição do mercado da indústria cultural, maiores deveriam ser suas obrigações públicas. Enquanto o ambiente cultural permanecer precário, as autoridades nacionais, regionais e locais deveriam apoiar as diversas iniciativas artísticas fornecendo suporte financeiro e cuidar dos problemas logísticos e de infraestrutura.

As medidas para proteger os artistas e seus trabalhos das forças dominantes do mercado no campo cultural não deveriam resultar em novas formas de restrição. A qualidade ou a importância dada a uma obra de arte é um conceito relativo . A política cultural deveria encontrar um equilíbrio

entre proteção e a permissão para que as artes se desenvolvam em completa liberdade. Entretanto, num contexto social outros critérios, e não a sua qualidade, são muitas vezes fatores decisivos para que alguns trabalhos sejam escolhidos.

É lógico que as influências culturais do Cérebro sempre irão existir e que representam um papel importante nesse diálogo e troca com o coração, mas ele deve ser secundário ao desenvolvimento e lutas culturais acontecendo dentro de uma sociedade local (coração).

Seguir a proporção de habitantes no interior (coração) em relação com a população da Região Metropolitana (cérebro) seria a melhor forma de investir e manter o fortalecimento das identidades culturais como um todo. O sistema de cotas também poderia auxiliar no desenvolvimento seguro da diversidade cultural das áreas locais. De uma perspectiva cultural, a diversidade tornou-se um importante tema de discussão, mas o tema em questão é a democracia que é um direito de todos e para todos.

Também não é possível esperar que os artistas sozinhos iniciam movimentos culturais contra os desenvolvimentos prejudiciais da globalização. Todos precisam estar convictos de que a sociedade democrática requer uma rica variedade de expressões artísticas. Ministros da cultura, educação e autoridades públicas locais e regionais deveriam trabalhar mais em conjunto.

À medida que o embrião cresce, o sistema cardíaco aumenta sua necessidade nutricional e de oxigênio. O embrião é o grupo de células que dá origem ao ser humano como um todo: o corpo. Este de acordo com Baruch Espinosa (in Deleuze, 2002) define como um grupo infinito de partículas relacionando-se por paragem e movimento, são estas diferentes velocidades relacionais entre as partículas, que definem as particularidades de cada corpo. O corpo não está sendo compreendido em termos de forma, mas de forças interativas, como uma complexa relação entre diversas velocidades, como uma elaborada interação entre partículas infinitas.

O corpo é movimento e mobilidade. Um corpo tem o poder de afetar e ser afetado, esta capacidade determinante também define as particularidades do corpo: o quê ele afeta e como afeta, e pelo quê ele é afetado e como é afetado. Corpos são vias, meios. Essas vias e meios são as maneiras como o corpo é capaz de afetar e de ser afetado. O corpo é definido pelos afetos que é capaz de gerar, gerir, receber e trocar. Como convoca Gilles Deleuze inspirado por Artaud: “É preciso que estiquemos nossa pele como um tambor para que uma nova política comece”. (Deleuze, 1990, p.72)

Enquanto não reconhecermos que a anatomia é um corpo que se forma cotidianamente, descrevendo como funcionam suas articulações, avaliando a potência biomecânica¹⁸ de seus membros, analisando seus sistemas imunológicos, reprodutor e excretor, não conseguiremos decifrar ou entender suas diferenças.

Conclusão

Sou integrante do Reduto Coletivo e esta investigação realizada neste artigo faz parte da minha atual pesquisa de mestrado, ainda em desenvolvimento.

Dar o devido peso a esta tragédia sussurrada, que a muito tempo se cala e que está diante de nós, há um mundo inteiro que se vai e que transforma o pensamento e a vivência de diversos municípios. Por conta do Estado autoritário, burocrático e muitas vezes reprodutor de preconceitos, são vidas e memórias que deslocam-se ou desaparecem pelo ar. E nós todos carregamos os vestígios conosco.

Precisamos de métodos desafiantes de educação cultural dentro e fora das escolas, apresentando uma ampla variedade de expressões culturais em sua própria sociedade. Se os temas das políticas culturais não forem levantados, estudados e discutidos, elas nunca irão aparecer nas agendas políticas.

E pode indicar que a cultura é tomada pelo ponto final, no momento em que as obras são expostas ao público como espetáculo. Deixando o principal de lado que é o processo de criação. O que seria da cultura ao considerar primeiramente o processo de criação ao invés do espetáculo em si. Seria entendê-la como trabalho.

Captar a cultura como trabalho significa, compreender que o resultado cultural (a obra) se oferece aos outros sujeitos sociais, se expõe a eles, oferece-se como algo a ser recebido por eles para fazer parte da sua inteligência, sua sensibilidade e sua imaginação e ser trabalhada pelos receptores, seja porque a interpretam, seja porque uma obra suscita a criação de outra.

Descobrir e reconhecer a nossa história pessoal e coletiva para poder somar ao respeito às diferenças, e isto tem haver com o olhar para o passado, numa perspectiva de continuidade, para construir algo hoje. O movimento de atenção seja para o reconhecer a deslocalização e ficar mais

¹⁸ É um dos métodos para estudar a maneira como os seres vivos (principalmente o homem) se adaptam às leis da mecânica quando realizando movimentos voluntários.

atento à tomada de consciência. Porque temos o direito de escolher nosso caminho e também o modo de fazer arte. A consciência crítica potencializa um movimento de avanço, da quebra de paradigma hegemônico.

REFERÊNCIAS

Brasil. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Acesso em: 23 jan. 2023. , 2006.

DELEUZE, Gilles. **The logic of sense**. New York: Columbia University Press, 1990.

FABIÃO, Eleonora. "Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea", em **Revista Sala Preta**, 2008, pp. 235-246.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**/Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador:EDUFBA,2008.

FREIRE.P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**.São Paulo: Paz e Terra.1996.

MATURANA, HUMBERTO R. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**/Humberto R. Maturana e Francisco J.Varela; tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin.São Paulo: Palas Athena, 2001.

SMIERS, Joost. **Arte sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização**/ Joost Smiers [tradução Adelina França] São Paulo ; Escrituras editora: Instituto pensarte, 2006. (Coleção Democrática Cultural; 3.

Artigo submetido em 20/03/2024, e aceito em 13/06/2024.